

Entre os escritos de Queirós: um compartilhar de leituras e desejos

Among Queiroz's writings: sharing readings and desires

ILSA DO CARMO VIEIRA GOULART¹

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de; ABREU, Júlio (Org.). *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

*Nenhuma palavra é solitária.
Cada palavra remete o leitor ou o ouvinte
para além de si mesma.*
QUEIRÓS (2012)

O 18º CONGRESSO DE Leitura do Brasil, em julho de 2012, prestou uma homenagem ao escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós (1940-2012) que, junto a um legado literário de 60 títulos publicados, deixa também saudades irreparáveis. Suas obras atingem diferentes públicos, desde o infantil até o adulto, e incluem uma série de livros premiados. Queirós conquistou o reconhecimento nacional e internacional como escritor.

A obra *Sobre ler, escrever e outros diálogos* pode ser considerada uma publicação carregada da intencionalidade de se prestigiar Bartolomeu Campos de Queirós e, de certa forma, prestar-lhe homenagem. Trata-se de uma coletânea de textos

1. Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas; Campinas/SP. E-mail: ilsa.vieira@uol.com.br.

organizada por Júlio Abreu, um trabalho que agrupou vários textos do escritor, proferidos em aberturas de eventos ou publicados em diferentes momentos da sua vida profissional, abrangendo o período entre 1983 a 2010.

A primeira edição da obra, publicada em 2012, traz duas notas iniciais: uma escrita por Sonia Junqueira, e outra pelo organizador, Júlio Abreu, os quais apresentam não apenas a obra e o reconhecimento pelo trabalho do escritor, como também demonstram os laços de amizade construídos com Bartolomeu.

A obra pertence a uma série da Editora Autêntica intitulada *Conversas com o professor*. Por ter exercido a função de professor numa escola experimental vinculada ao Ministério da Educação, Queirós apresenta, nos escritos selecionados, um diálogo de certa forma direcionado à educação e ao fazer docente, o que o coloca próximo aos anseios e questões do mundo escolar.

Os textos escolhidos para compor a antologia de Júlio Abreu foram divididos em duas partes: a primeira, denominada “Leitura e memória”, é formada por sete textos; a segunda, “Leitura e educação”, por quinze textos. Os escritos não estão dispostos numa ordem cronológica de publicação, mas seguem um encadeamento sequencial de temas, em que o organizador, Júlio Abreu, procura delinear imagens de um “Queirós” que foi se constituindo num percurso de relações e de interações com diferentes personagens da vida real, marcando sua personalidade e sua intelectualidade, a princípio como leitor, depois como professor, para então identificar-se e consolidar-se como escritor.

Na primeira parte, para compor uma “Leitura e memória”, foram agrupados textos que se articulam à temática, sem economias na expressão da linguagem escrita bem articulada, repleta de nostalgia e encantamento. O compartilhar de diversas experiências de leitura, de vida ou de circunstâncias de aprendizagem entrecruza-se, revelando traços de sua (con)vivência com familiares, com professores e com os livros. Os textos priorizam experiências que foram significativas para sua formação profissional e humana.

As lembranças perpassam a infância do escritor, a partir de textos que relatam momentos diversos, iniciando-se com “Das saudades que não tenho”, no qual são retratados os passos iniciais de escolarização do autor, que parecem envoltos por sentimentos de medo e insegurança, por ações moldadas por regras e normas de conduta, pelas descobertas do mundo e pela necessidade de se atender às expectativas dos pais, de edificação de um futuro promissor.

No texto “Foram muitos os professores”, ele escreve que os caminhos da aprendizagem se concretizaram entre ensinamentos obtidos nos cadernos de receitas da

mãe, nos escritos da parede feitos pelo avô, no olhar penetrante do pai, na docilidade da professora. Queirós se caracteriza como ingênuo: “[...] supondo ser a vida um processo de soma, e não de subtração, juntei de cada um dos meus mestres um pedaço e protegi em minha intimidade. Concluo agora que, de tudo aprendido, resta a certeza do afeto como a primordial metodologia.” (p.25).

Os escritos em “Leituras preparatórias” permitem afirmar que as leituras do autor seguiram um percurso distinto de formação, desde os livros de orações, os gestos da mãe, as frutas trazidas pelo pai de suas viagens, às leituras realizadas em “A carta do mundo” e em “Uma presença definitiva”, que são textos que mostram uma atividade ledora marcada pela presença e pela atuação de uma professora. A figura docente torna-se idealizada pela criança, que a vê como um estímulo de aprendizagem e prosseguimento nos estudos: aprender mais era tudo que queria, admitindo que “[...] tinha medo de não corresponder aos seus ensinamentos.” (p.35).

A leitura da professora provocava o surgimento de um mundo imaginário, as palavras encadeavam-se entre sonhos e encantamentos:

[...] ficava intrigado como num livro tão pequeno cabia tanta história, tanta viagem, tanto encanto. O mundo ficava maior e minha vontade era não morrer nunca para conhecer o mundo inteiro e saber muito, como a professora sabia. O livro me abria caminhos, me ensinava a escolher o destino. (p.37).

Experiências de leitura principiaram uma história de proximidade com o livro, um objeto que se tornou o protagonista para um “Passaporte a desmedidas viagens”, pois, ao conhecer o livro de Lili, Bartolomeu seria conduzido pelas mãos da personagem a adentrar no mundo das letras e passaria, então, a uma busca constante para conhecer e decifrar seus mistérios.

E assim, percorrendo esse caminho das experiências infantis, a primeira parte encerra-se, com o texto construído a partir de um olhar para as relações escolares. Superando as dificuldades encontradas, “Entre paredes” (da escola) mostra que a superação das aflições ocorreu quando o autor resolveu descobrir o que estava atrás das paredes; a leitura propiciava-lhe tal aventura, quando:

[...] abria o livro e soletrava, vagarosamente, cada palavra. Elas invadiam o mais fundo de mim instalando novos anseios, diferentes obstáculos e tantas paredes. Mas com o livro eu atravessava os muros, rompia com o caminho dos fantasmas, penetrava no en-

tendimento possível a mim. Todo livro era uma parede que ao me revelar o escondido me propunha outros encontros. A leitura me desequilibrava. (p.45).

Na segunda parte da coletânea, os textos foram sequenciados de forma a retratar um Queirós envolvido com seus escritos, com o ato de ler e com a educação. A forma de ordenação e de disposição dos textos permite o aguçar de um imaginário de como sua personalidade e sua intelectualidade foram se construindo no decorrer do tempo, a partir de suas variadas experiências com pessoas queridas, com a escola e com os livros.

Os escritos em “Balanço” apresentam aspectos da vida e compartilham suas experiências como educador. Nele, Queirós escreve a contribuição que a docência lhe trouxe na sua formação de escritor: “[...] quando professor, já desconfiava que existem lições que duram a vida toda, independente dos rumos dos tempos. Eu reconhecia, espiando as descobertas dos alunos, que a maleabilidade, o constante movimento, o eterno vir a ser do mundo é que o tornava mais sedutor.” (p.51).

Em “A criação poética e a criança” é possível se aproximar dos ideários de um Queirós que acredita ser a escrita um ato em que não se deve ignorar aquilo que se ganha desde o nascimento: a liberdade, a fantasia, a inventividade e, mais, as dúvidas. Escrever é definido como “um ato de contenção”, pois no trabalho com a escrita não se deve deixar escapar toda a fantasia, “[...] tenho que conter o texto, reduzir o texto, para a criança encontrar nele lugar para o imaginário dela.” (p.56).

Ao compor um texto ou uma obra, “[...] um trabalho de arte, é preciso dar invenção, dar reinvenção, dar reinterpretação da criação da liberdade; isso é uma coisa que é própria da criança. Então, há uma proximidade muito grande entre a criança e a arte.” (p.58).

Para o escritor, seja na escrita, seja na leitura, “O livro é passaporte, é bilhete de partida”, um texto expressivo em definições. Queirós acredita que o ensino da leitura (e da escrita) assume um papel fundamental na escola: trata-se de “[...] convocar o homem para tomar da sua palavra. Ter a palavra é, antes de tudo, munir-se para fazer-se menos decifrável. Ler é cuidar-se, rompendo com as grades do isolamento.” (p.62).

A compreensão do ato de ler perpassa “Entre silêncios e diálogos”: “[...] ler é aventurar-se pelo universo”, até atingir a “Literatura: leitura de mundo, criação da palavra”, momento em que Queirós demonstra suas preocupações com o acesso à leitura, com o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas com e sobre a literatura:

[...] a escola não percebe que a literatura exige do leitor uma mudança, uma transferência movida pela emoção. Não importa o que o autor diz, mas o que o leitor ultrapassa. A literatura é feita de palavras, e é necessário um projeto de educação capaz de despertar o sujeito para o encanto das palavras. (p.67).

E fazendo da “Leitura, um diálogo subjetivo”, em “Menino temporão” Queirós declara que a leitura não pode ser compreendida apenas como um ato isolado ou solitário. Ao contrário, “[...] ler é somar-se ao outro, é conhecer a legenda que o outro aplicou ao mundo” (p.81) e, em “Possesiros da diferença”, ler “[...] é experimentar novos sentimentos, é buscar outras referências, é desobstruir-se e deixar passar a palavra do outro que tanto incomoda nossas incertezas” (p.83).

Em “Escola e literatura”, ao assumir um tom de crítica, o autor traz uma diferenciação entre adestrar e educar. Saliencia que, muitas vezes, ocorre uma adesão ao adestramento no processo educativo, pois educar exigiria outra postura: “[...] implica escutar, pois só nos é possível compreender ‘quem’ é o outro quando ele se diz” (p.85). Assim, ressalta-se a importância da educação como um processo de confirmar ao outro a liberdade de escolhas e de atitudes. E a literatura se mostra, para o autor, uma dessas possibilidades, visto que “[...] diante do texto literário, nos revelamos e nos abrimos para paisagens até então insuspeitadas” (p.86). A educação ultrapassa a intelectualidade, pois adentra uma dimensão da sensibilidade, refinada pelas relações interpessoais. Com isso, a figura do professor assume outra função, quando a partir dos conhecimentos convoca os alunos em direção a novos rumos, a novas realidades. O professor efetiva a fantasia, que se torna um trampolim para o aluno atuar como um ser participativo e interativo no ato de ler, de compreender e de criar.

A literatura passa de uma condição de entretenimento para uma atividade de promoção de conhecimento e de diálogo com o imaginário. Em “Ler é deixar o coração no varal”, a leitura ganha um espaço ainda mais ampliado na escrita de Queirós, pois aparece marcada pela quase necessidade de compreendê-la e de atribuir-lhe sentidos, tornando-se a definição de leitura uma constante em seus escritos. Em vários dos textos selecionados para esta obra, aparecem traços múltiplos de uma leitura que acontece não somente na singularidade, como também na pluralidade de ações. Para o autor, o ato de ler não se resume a apenas uma definição, mas se amplia em seus escritos, pois “ler é apropriar-se da incerteza do amanhã”, “é descobrir-se na experiência do outro”, “é mover-se pela curiosidade”,

“é provar o silêncio” e, ainda, “é o preço que pagamos por sermos alfabetizados”, entre outras tantas definições... (p.91).

Se, de certa forma, há “A leitura e o mundo ainda por dizer”, entre “Arte e educação”, Queirós defende a junção de “Literatura, escola e democracia”, porque acredita na “Arte, uma alternativa para o sistema educacional”, e declara que “[...] a leitura literária é um direito de todos e que ainda não está escrito”, em que o “[...] sujeito anseia por conhecimentos e possui a necessidade de estender suas intuições criadoras aos espaços em que convive” (p.118).

O último texto, “Manifesto por um Brasil literário”, escrito por Queirós (2009) para o “Movimento por um Brasil Literário”, discute questões relacionadas às políticas de propagação e de incentivo à leitura, à formação do leitor e à estruturação dos espaços de leitura.

A obra *Sobre ler, escrever e outros diálogos* permite um diálogo com as ideias e com o pensamento crítico de Queirós a respeito da educação, da leitura; dá-nos a conhecer os escritos de um autor que não tem reservas ao escrever sobre seus sonhos e expectativas sobre a educação brasileira, ou que não mede palavras para dirigir-se ao professor. A leitura da obra possibilita, ainda, um diálogo conosco, com cada um de nós, com a nossa “biblioteca interior”, como diria Goulemot (2001, p.116). Trata-se de uma leitura que ora vai adquirindo sentidos a partir daquilo que se leu na “anterioridade” e que ora incita desejos de escrita. Nas palavras de Barthes (2004, p.39),

[...] não é que necessariamente desejemos escrever *como* o autor cuja leitura nos agrada; o que desejamos é apenas o desejo que o escritor teve de escrever, ou ainda: desejamos o desejo que o autor teve do leitor enquanto escrevia, desejamos o *ame-me* que está em toda escritura.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001, p.107-116.
- QUEIRÓS, B. C. de; ABREU, J.(Org.). *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Recebido em 03 de janeiro de 2013 e aceito em 03 de março de 2013.